



ALFUMIN

FOLHA

JOCO-SERIA-ILLUSTRADA

PUBLICA

REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.
VISTAS. MUZICAS. ETC ETC.

ASSIGNA-SE

RUA DO OUVIDOR

59

SOBRADO

PREÇOS.

CORTES		PROVINCIA	
Um mez	28000	Semestre	118000
Trimestre	52000	Anno	218000
Semestre	102000	Avulso	500
Anno	202000		

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHÉ

por Amédée Achard.

Primeira parte

(Continuação.)

— « Dovagar! Dovagar! não tenhas pressa de morrer, porque ainda não vou desir, » disse Armando apoiando-se sobre um dos braços e tentando levantar-se.

Reinaldo abraçou-o com effusão. De La Guerche proseguiu:

« Creio que o fio do machado bateu em falso. Chegou a pensar que ia morrer! »

— « Morrer! Se morresses, talvez eu morreria, meu amigo! » disse Chautontaine muito commovido. « Se algum dia cruzar mais minha espada com a de um De La Guerche, chama-me vil herege! » proseguiu elle conduzindo lentamente Armando para a Grande Fortelle.

Mas Adriana vio seu querido primo (era assim que ella chamava Armando) empalliddeu e correndo no seu encontro, perguntou-lhe:

— Que tem? Que aconteceu?

O manco abaixou os olhos e confessou que tinha escapado do morrer n'uma lucta singular com Chautontaine.

— Brigáto ainda? E porque?

— Porque tratou-te pelo nome de baptismo e asseguro que estás em idade de casar.

— E que tens com isso? disse ella, corando de leve.

— Eu... não sei mesmo! hesitou Armando, levando a mão ao coração.

— Ah! murmurou Adriana confusa.

Se a terra se abrisse diante de Armando, ella se precipitaria aphyssante no abysmo. Ha pouco o destemido manco não tinha medo de um machado avido de sangue, e agora diante do olhar de uma moçinha loura!

Só então teve Armando consciencia que amava sua prima.

Durante o resto do dia evitou enfiar-se com ella; conservou-se mudo durante o jantar, sem atrever-se a encará-la e retirou-se logo depois para seu quarto, onde passou toda a noite em claro.

No dia seguinte desceu ao jardim e esperou Adriana, commovido, mas côz, e resolveu a confessar-lhe to-

do. A natureza parecia-lhe mais bella, o céu mais brilhante, as flores mais odoríferas, a brisa mais suave. Momentos depois vio Adriana despojar no fim da alameda, cobrou animo e encaminhando-se para ella disse:

— Querida prima, quando me perguntou hontem porque motivo tanto me indignávo as palavras do Reinaldo, respondi-lhe que não sabia.

— E' verdade.

— Pois bem, sei-o agora.

— Ah!

— Foi um segredo que o coração revelou-me ao espirito. Quem sabe se isto não vai indispor-o contra mim, prima? Paciencia! E' do meu dever confessar-lhe tudo. Ordene quanto quizer: seus desejos serão ordens para mim.

As encantadoras faces de Adriana tingiram-se de vermelho. Sem levantar os olhos, e com as mãos violentamente trémulas, ella começou a colher algumas flores, reunindo-as em desordenado ramalhete.

Armando depois do breve silencio, disse:

— Quiz matar Reinaldo, porque te amo, Adriana. Minha vida está em tuas mãos e eu o ignorava; diz-me

agora o coração que serei teu até a morte. Nem se quer pensava em tal, porque vivia a teu lado, respirando o mesmo ar que respiras! Mas apenas soube que outros podem também ver-te, amar-te e ambicionar tua mão, apoderou-se de mim um louco terror. Bastou uma palavra de Chautontaine para operar este milagro!

— Chautontaine!... oh, eu o detesto!

— Para que detest-o, querida prima? Elle nunca será teu esposo!... Porém outro qualquer, algum desconhecido talvez... Oh! preza aos céos que eu não veja a luz d'esse dia!... Agora, que já sabes tudo, Adriana, será mister acrescentar que para merecê-la não ha perigo que eu não arrosse?

A moça ergueu os olhos. Uma chama sincera os illuminava. Apertou a mão de Armando e com voz meiga e trémula disse:

— Servi algum dia condessa De La Guerche, ou morrerá solteira.

— Santo Deus! exclamou Armando...

Não pôde proseguir. Adriana havia fugido, deixando-lhe entre as mãos o ramalhete que colhára pouco antes. De La Guerche sentio-se transformado: Um coração varonil pulsava dentro do seu peito; entrava na vida pela radiosa porta do amor.

Tinha então Adriana dezesseis annos. Dias depois via, se Armando cercar ao redor da Grande Fortelle e embrenhar-se nas matas; mas já não andava só, e quando

(Continua na pagina 35)



D. JOANNA CUYÁS



GENOVEVA CUYÁS



HECTOR MONETA



LEONOR CUYÁS



CAROLINA CUYÁS

Retrato de Hector Moneta e de suas infelizes victimas

(Vide o texto—pagina 28)

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1868.

A *Vida Fluminense* já não é uma simples tentativa litteraria.

Os dous numeros publicados firmaram-lhe uma reputação; elevaram-a á categoria dos jornais do futuro, em cuja existencia so reflectirá, como no espelho da verdade, as mais importantes peripecias da vida do celoso brasileiro.

Forão duas semanas de uma luta sem resfolgo, mas generosamente recompensa-la pela população fluminense, que tão pressurosa attendeu ao appello, que lhe foi feito.

Hoje a *Vida Fluminense*, além de contar um crescido numero do assignados, goza, mercê de Deus, da estima geral o vê expandir-se diante de si um futuro opulento de esperanças.

Para corresponder ao valioso auxilio, que lhe tem dispensado a população da capital do Imperio, tem a *Vida Fluminense* procurado reunir em torno a si os artistas e collaboradores mais distinctos e habilitados.

Conseguido, como está, esse desideratum acha-se esta folha em estado de poder acompanhar — *pari passu* — todos os incidentes da nossa historia contemporanea.

A *Vida Fluminense* encetará no proximo numero a publicação da galeria dos « HOMENS DO TRABALHO ». A testa dessa pleiade, que tem sabido engrandecer-se, engrandecendo o paiz, colloca ella o Exm. Sr. Barão de Mauá.

O retrato do nobre brasileiro, a quem o paiz tanto deve, acompanhado de uma biographia elegantemente escripta e onde só impera a verdade, fazem parte do numero que distribuiremos na proxima semana.

O retrato é feito pelo desenhista especial da *Vida Fluminense*.

Sobem todos as tristes peripecias do terrível drama que cobrio de luto a infeliz familia Cuyás.

Bem penoso é para o chronicista o dever de rememorar taes factos! Mas a digna necessidade: de ninar o nosso ao solenne protesto da imprensa diaria contra tão inqualificavel crime, e de explicar o deslizo da primeira pagina d'este numero, não grado nosso nos impelle a relatar em breves palavras tão feroz quanto covarde attentado.

Curremos a frente, e passemos sob a força coaduna

do dever, repetindo a phrase com que o poeta mantinha no foz o velho Eneas começar a triste narração da queda de Troya:

Infandum regina jubes renovare dolorem!

No dia 5 do corrente, ao amanhecer, achavou-se na casa da rua do Rozario n. 113, onde ha pouco habiavão, a hospanhola D. Joanna Cuyás e suas tres filhas mais velhas, D. Genoveva, D. Leonor e D. Carolina.

O chefe da familia havia sahido em companhia da filha mais moça, de dez annos do idade.

D. Joanne Cuyás estava tranquillamente reclinada n'um sofá da sala da frente, quando vio entrar precipitadamente o italiano Heitor Moneta, que, depois de maltrata-la com pancadas no rosto, deu-lhe, á queima roupa, um tiro de revolver, cuja bala fracturou-lhe a clavícula direita.

Aos gritos da victima, acudirão suas tres filhas, que todas forão com a mesma arma feridas pelo monstro.

D. Genoveva, de 20 annos de idade, recebeu duas balas, uma no queixo, a outra na espinha dorsal.

D. Leonor, de 16 annos, teve o pulmão esquerdo atravessado por outra bala.

D. Carolina, de 14 annos, cahio gravemente ferida no ventre.

A infeliz Genoveva, causa innocente do tão sanguinolento crime, succumbio poucas horas depois, torturada por horribes soffrimentos. Sua mãe e irmãs ainda vivem, e os habeis facultativos que se encarregão do pensal-as, nutron esperanças de salvas-as.

Deus os inspire!

Moneta, que era amigo e commensal da familia Cuyás, apaixonou-se por D. Genoveva, com quem mostrou desejos de casar. E hastou a opposição que soffreu, para levar o malvado a derramar tanto sangue!

Moneta acha-se preso e brevo soffrerá a merecida punição.

Os cinco retratos, que publicamos no verso d'esta pagina, são copias fieis de umas photographias que nos forão obsequiosamente offerecidas por um amigo: por isso g-stantinos as semelhanças.

Realisar-se-ha depois d'amanhã, 20, uma regata na bella enseada de B. do Goy.

Disputarão os differentes premios n'uitos amadores e homens do mar.

Não venha o tempo com uma de suas sensalorias, e a festa será lindissima.

D'aqui a oito dias daremos conta do occorrido.

O Vasques faz hoje beneficio no theatro Lyrico.
Creio que não precisamos dizer mais nada.

* *

A proposito de Vasques,ahi vai uma das d'elle:

— Quaes são os homons que devem de preferencia marchar para o Paraguay?

— « São os solteiros » respondeu-lhe alguém.

— Qual! São os negociantes fallidos.

« Porque? » perguntarão-lhe.

— Porque ficarão *soldados os quebrados*.

* *

Repetidas vezes temos recebido reclamações dos nossos assignantes de Queluz, em Minas.

Quando se resolverá o Sr. Beato, (que nome!) a entregar com regularidade as folhas que são d'aqui remetidas para a sua agencia?

Chamo-se muito embora Beato, está no seu direito: mas não lhe dê a *beatice* para ahí; vá ouvir missa em outra freguezia.

* *

Chegou a companhia franceza, escripturada pelo empresario do Elorado.

Os taes pessimistas que então ahi pelas esquinas apregoando que estamos em crise, que não ha dinheiro, que o commercio está morto, que camilhamos para uma bancarota geral, hão de ver admirados que ainda estamos na verdadeira idade do ouro (a 15 %).

E quem duvidar do que avançamos indague se d'aqui a um mez as taes *mademoiselles*, que hontem chegaram de mala vasia e trajando sarja, não estão hoje cobertas de brilhantes e pedras custosas!

E não ha dinheiro?! Holá se ha!

* *

Ainda agora na berra o nome do inspirado vate Barreto Basto.

Querem uns que elle seja o autor dos folhetins dominigueiros do *Jornal do Commercio*, sob o titulo: *Será serio?* Mas vierão logo a pergunta do vate e a resposta da redacção provar que não era *serio* este boato.

Affirmão outros serem de sua lavra os folhetins do *Correio Mercantil*. Para sahir da duvida, perguntei ao proprio vate, que me respondeu:

— « Pois eu havia de assignar um escripto meu assim? ».

— Assim, como? indaguei eu.

— « Assim: pois não vê? ».

E mostrando-me o ultimo folhetim do *Mercantil*, assignado *Osiris*, apresentou com aquelle surrri maligno que todos lhe conhecem:

— « Nem *Oh! siris*, nem *oh! caranyejijos*!... O meu nome de baptismo é Barreto Basto.

Fiquei convencido.

Momentos depois retirava-me eu cantrolando entre dentes:

Que poeta que não era
Do Albestruz o cantor
Quem mais do que elle dissera
Do Zós-três.....

quando ouvi um *Scio!* Voltei-me, e vi encaminhandose para mim com as mãos no ar, (sem malicia) o portentoso vate, que se aproximou e me segredou ao ouvido:

— Quer saber o que é que escrevo agora?

— So quero! respondi.

— São os folhetins do *Diario do Rio*; mas caluda! não o diga a ninguém; não vá comprometter-me com o Governo!

* *

Foi n'uma loja maçonica que se deu o facto que passo a narrar:

Era noite. Os carólis entravam ás duzias, todos de casaca preta. Tractava-se de uma filiação, cousa sempre grave para o pobre paciente e tão divertida para os espectadores.

O novato, que ia ser honrado com os raios da verdadeira luz, era um vendelhão de esquina, homem honesto, gorducho e de boa fé. Estava com os olhos vendados.

Começa a cerimonia, quero dizer — o martyrio. Escadas, procos, punhães, barrancos, ferro em brasa.... que sei eu! Tudo soffreu o misero vendelhão, resignado como um martyr.

Corria-lhe em bagas o suor pelo rosto, o peito arfava-lhe de cansaço. Já tinha soffrido muito, mas o que lhe sustentava a coragem era a perspectiva de uma excellente ceia, annunciada para o fim da provação.

Soa meia noite; diz uma voz:

— Basta. Tirem-lhe agora a venda.

— « Tirem-me a venda!... Isso nunca! » bradou o iniciado, pensando que lhe querião tirar a sua ceia de negocio.

Diccionario popular, geographico universal.

Paraty: cidade que embriaga.

Escalda: rio europeu, onde os gatos tem medo da agua fria.

ACTUALI



*Chega a tampanha de Eldorado.
Preparam-se para ver*



*Praça do Commercio
Effeitos de uma li...*



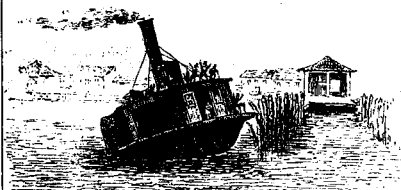
Porta por Porta, antes da...



Consta.....

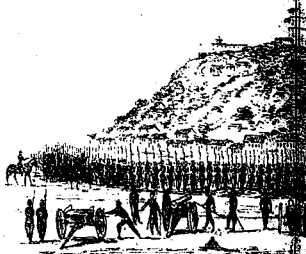


Dois vizinhos que de vizinhos...



A.

*Olhar encolhido 4 horas? Se os mares humilsses
são e mola a bordo.*



*Moneta brasileira
e quizesse-se de polia...*

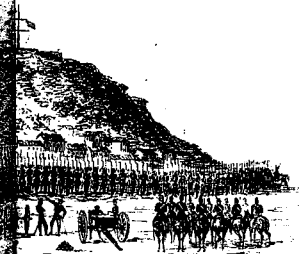
IDADES



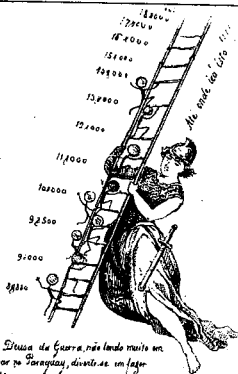
...a ...



...económicas vulgares.



...a ... do ... em ... Ramalho ... gente para a guerra!



Bellona, a Deusa da Guerra, não tendo muito em que se ocupar no Paraguai, divertiu-se em fazer subir e descer.



Mercantil ... e ... do Rio



Perro-ka! Ra-ka! Vaez-tu ben finis de me razer



Os moradores de Castello ditados pelo Morro. Se durasse mais um dia, morriam todos a fome



Diligência policial. 4 procura do Morro. Oh!!!

Ruão: cidade francesa, de cor branca com pinhas pretas e redondas.

Flagdres: patria das folhas e da Joana do Maestro Antonio Carlos Gomes.

Escocia: paiz muito transparente.

Lilla: cidade de França propria para viúvas de fresco. Pão de assucar: maninha do Brazil, assim chamada por não ser nem uma nem outra coisa. Nem é pão, nem adoça.

Piza: lugar da Italia, onde ha uma torre inclinada, que se cahir piza com certeza muita gente.

Mallox: nome de um povo e de uma especie de gato.

Haia: patria das crietas ou aias, lá nos Paizes Baixos.

* Beriera: bebida muito fermentada e que faz parte da Confederação Germanica.

Praga: cidade austriaca, do que Deus nos livre por muitos annos.

Um passeio no Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

II

Este introito não era lá dos mais seductores! Tanto que as moças enfiarão meia pollegada de dedo em cada ouvido; Ambrosio rio-se e valer, Roberto e Arthur, a principio surpresos, tornáráo o expediente do rir, tão patetica e comica tornou-se a scena! não por certo, pela algazarra geral, mas pelo ar com que a impagavel Brígida soltava um « socôga menino » que era mesmo para escangalhar do riso!

Imaginem essa velha, muito velha, muito feia e muito magra, com o pescoço esticado, com o labio inferior uma pollegada adiante do superior, esgançando-se em fim a mais não poder para soltar a reprimenda, que era recebida com a natural frieza diaria! É que ella não estudára a *Cartilha do padre Ignacio*, como diz um meu desfrutavel collega, que fez do pobre padre « péo para toda obra. »

Não cuide o leitor agora que eu gosto de falar da vida alheia: não senhor! Conto simplesmente o que houve e bem vê, que ás vezes, é indispensavel o estado

de certos traços caracteristicos da patto, para facil comprehensão do tudo.

— Não senhor! Eu não me importo com a vida alheia.

— Os senhores desculpem, dizia Ambrosio, virando-se para os rapazes: não ha quem possa com estes meninos, são do diabo!

— Logo se vê, respondem Arthur entre risos.

A calma ia restabelecendo-se pouco a pouco, quando Puzeta solta um grito:

— Ai! que me mata!

— Quo foi, menina?

— Manduca.... que está dando beliscões na minha perna...

— Não foi por querer maude.... mentirosa! foi no joelho!

— Eu bem digo, falla Ambrosio, o pequeno é dos diabos!

E acabou a phrase sorrendo uma pitada de repé.

A gondola passava então pelo hospital da Misericórdia e ao chegar a uma casinha de pão, que para vergonha nossa, ainda consorva a Ill.^{ma} municipalidade, os cinco narizes, das moças e meninos, soltáráo um fum!

tão compassado e expressivo, que dir-se-hia estudado da vespera.

É que o fum exprimia o mão cheiro e um mão cheiro também muito expressivo! Esse sem nasal foi o presagio de nova torrente de risadas. E se lá estivesse o leitor, por certo rir-se-hia do gosto, ao ver o logro que soffrerão os narizes daquelles proximos!

Arthur aproveitando a agitação causada pelo incidente, disse a nova voz a Roberto:

— « Pois não te adiantas? Tu que és o namorado da filha nem se quer entabolas relações com o pai? Move-te.... anda! »

— « Folla se quizeres, que eu conservo-me na moita. »

— « É essa a tua politica? »

— « E de gabinete! »

— « Pois filha: eu, como mais tolo, vou tornar-me amigo do velho. »

E a um sorriso de Roberto:

— « Duvidas? »

Arthur tussio, saccou o laço da algaiteira, passou-o pela testa, depois de tirar o chapéu, e tendo concluido toda essa scena de introdução, voltou-se para Ambrosio:

— Parece incrível que a Companhia de Esgoto não trate de sanar este mal.

— «E' exacto, retorquiu Ambrosio, e é pena que uma Companhia d'aquella ordem... olhe, meu caro senhor ainda hontem contou-mo o meu compadre Vicente da Moura, morador lá para as bandas do Sarcó e respeitavel commerciante do generos, que um pobre trabalhador, tendo cahido n'um dos canosdo esgotos, foi puxado pela machina e sahio são e puro como um péro !

— «Chi ! ! ! exclamarão os meninos arregalando os olhos.

— «Safa ! Ponho-lhe embargos !» disse Arthur.

— «Pois é facto ! Chamo o compadre para testemunha... vossés ouvirão, meninos, o que disse o compadre ?»

— «Ora, papai...» respondeu Josepha.

Guilhermina roia as unhas e Pureza disse para os irmãos :

— «Que fingida !»

— «Ellas não respondem por lexos ! Quando atei-mão, ninguém pôde com ellas ; é malhar em ferro frio ! E' exacto ou não ? A moda que o senhor não responde... hein ? E' solteiro, não ?»

— «Sim senhor» respondeu Arthur.

— «E o senhor tambem ?»

— «Para servir-o», atalhou Roberto.

— «Estou no matto !»

Guilhermina e Josepha requebrarão os olhos a mais não poder e jurarão a seus Deuses conquistar aquelles dous corações. Ah ! filho do seu José da venda ! Como começa a ser vilipendiado ! A tua Josepha já nem se lembra de ti !

Os rapazes começaram a desfazer-se em graças, porque querião, porque fazião profissão de namorar, mesmo porque não tinham outro officio e... ora bolas, temos conversado !

As moças requebrarão-se todas, fazião olhos de piedade, do Magdalena arrependida, umas vezes tristes, outras risonhas !

Tambem quando uma moça revira os olhos... quando olha de certo modo !... Então é que a gente não pôde com ellas ! Eu não sei o que tem olhos de moça ! Tive medo do uns, oh ! tanto medo que não me animava a olhar para elles ! II je me morro por esses olhos, mas... não posso ! E silencio, que o leitor é capaz de tomar-me contas !

Ora... tambem a gente não tem culpa. Quando um menino chega aos 5 annos, diz a *maude*, a ama, a prima, a irmã, enfim não importa quem :

«Nhônhô, vossé quer-se casar com esta moça ?

E o menino, coitadinho, mette o dedo na bocca e começa a chupar-o, todo cheio do vergonha e pudicicia !

— «Ora venha cá o meu noivo ! Como está bonito !»

E o menino então chupa o dedo, chupa, que mette dô !

Outras vezes é uma menina da mesma idade, mais velha, ou mais moça, e o *nhônhô*, quando bispa-a, tem accessos de vergonha, esconde-se atrez das portas, embrulha a cabeceinha nos vestidos da criada e por fim vai-se aproximando, com a cara encoberta, mas olhando de esguelha, cheio de pudor e todo timorato ! D'ahi a meia hora, vão procural-os que estão na mais cordial intimidade !

— «Não quero ! me larga ! eu não gosto d'ella !»

E depois lambe-se quando conversa com a menina, quando offerece uma *ôar*, quando dá a melhor parte dos seus doces e bôlos, quando brinca com esta mesma menina que meia duzia de annos depois, ainda de calções e perninha de fôrta, torce o nariz ao pobre *nhônhô*, trata-o de resto, olha por cima do hombro, tanto se sente ufana em recobrar a côrte de uma esterva de namorados, meninos como ella, bem entendido, aos quaes o orgulho dá qualidades e prerogativas de *homem* !

Roberto, Arthur e as moças não desmentião essa proverbial condição annexa á educação de nossos dias. E cumprem á risca, senão em mais requisições, as disposições preconizadas na infancia !

(Continúa.)

Perguntas enigmaticas.

Quaes são as terras que se compõe de *maia* *duzia* do mulheres ?

Qual é o nome de homem que é religioso no principio e bellissimo no fim.

Qual é a flor que junta á segunda pessoa do presente indicativo de um verbo pôde ser condemnado á *acoi-ta* ?

Qual é a fructa do Brazil que precedida de uma *dezena* torna-se *desacrada* ?

Qual é o adverbio de lugar que encravado entre uma nota de musica e uma porção de agua corrente constitue homicida !

Qual é o ponto cardeal que trazido sobre o corpo representa uma combinação chimica ?

Qual é a *no'a* musical que appeneta a uma bebida do Brazil designa terminação ?

Em que se parece uma letra de cambio com um empregado publico ?



Notícias da Europa — QUESTÃO ITALIANA

— Vamos! Tira já d'aí aquelle bicho, quando não ponho-te no andar de rua!...

um suspiro de alegria arfava seu peito, respondia-lhe um delicioso sorriso de sua encantadora prima.

Reinaldo, por sua parte, foi fiel cumpridor da palavra que dera a Armando, e, por mais desejos que tivesse de perseguir um huguenote, nunca mais provocou seu amigo. Continuou a chamal-o sempre luteje, mas com tanta affabilidade que não dava margem ao menor pretexto para represalias. De La Guerche vingava-se alcunhando-o de ligueiro.

CAPITULO IV

EM QUE CARQUEFOU ENTRA EM SCENA

Vivia, pois, os dous mancosos em perfeita harmonia; mas quando Reinaldo cansava-se de viver em plena paz, ficava muito admirado de ter passado oito ou dez dias sem dar nem levar nem uma enxada, e de elegera logo guerra a certo rapagão, humbeido por Carquefou.

Este Carquefou era, pouco mais ou menos, da idade de Reinaldo, porém muito alto para os annos que contava. Filho de um arcabuzeiro pobre, tornou-se breve notavel pela sua originalidade, fingindo ter medo de tudo.

— E dos carneiros tambem? perguntou-lhe uma vez Reinaldo.

— «Elles tem chifres, Sr. marquez!» respondeu elle e accrescentou em forma de maxima: «Quem não se expõe, arrisca-se; quanto mais quem se expõe!»

Entretanto, quando chegava o momento do perigo, Carquefou batia-se como um tigre.

Nunca houvera n'aquellas paragens pessoa alguma cujo proceder estivesse em mais desarmonia com as palavras: quando ellas diziam *sim*, respondia as accões não. Virão-o um dia partir com um velho arcabuz no hombro direito, uma faca de ponta e um par de pistolas á cinta, e uma orelha dobaixo do braço esquerdo. Era no inverno.

— Holá, Carquefou! Onde vais com toda essa tralha lá?

— «Ando negociando em ovelhas», disse elle apressando o passo.

No dia seguinte, pela madrugada, voltou curvado sob o peso de quatro ou cinco lobos que matara. Rodou-o os amigos; choverão as perguntas. Carquefou contentou-se em responder:

«Elles comêdo minha ovelha, mas derão-me um pagamento todas estas peles. Não é inda negocio; cinco lobos por um carneiro, e não entrão em conta os fealdos!»

Reinaldo admirado questionou-o:

— Então já não tens mais medo?

— Pelo contrario, Sr. marquez; se fui até o medo que me obrigou a passar a noite fóra de casa! Os uivos destes malditos animaes não me deixavam pregar olho. En-

tre os leões eu tremia de terror: foi por isso que resolvi matal-os para não ter mais medo á noite.

— Deverias ao menos prevenir-me. Tíamnos ambos, e a caçola seria melhor.

— Pois sim! Se eu esperasse mais uma só noite morria de susto. Os tractantes vinhão barrar mesmo por baixo das minhas janellas. Cheio de terror, armei-me, carreguei uma ovelha para servir de isca, e fui esconder-me n'um harranco seguro. Eu tremia como varas verdes! A ovelha teve a imprudencia de gritar e logo chegado o golpe os bandidos de quatro pés. Aponiei para o meio do grupo; fechei os olhos e puxei o gatilho da arma, que estava carregada até á bocca com pregos e quanto estilhaço ha. Todos os lobos gritarão; não sei como não morri de medo. A custo entreabri os olhos e vi dous estendidos no chão e um terceiro pulando como um possesso; este tinha um prego dentro da barriga, o que parecia contrariar-o deveras. Um quarto, que excellento filho que era! querendo virar a morte de seu pai, atirou-se sobre mim. Com um tiro de pistola fê-lo cair morto, sem que tivesse tempo para agradecer-me a fuzila. Os parentes dos mortos formarão um conciliabulo; opinavão uns pela retirada, outros clamavão: vingança! Recoeando que viessem ao meu encontro, sahi do escondijo e atirei-me sobre elles com a faca na mão direita e a pistola na esquerda. Sem querer disparei a arma, cuja bala esmigalhou a cabeça de um dos mais acalorados oradores. Com a faca na mão cocei as costas dos outros, enquanto quizerão divertir-se comigo. Aqui está como foi. Mas que grande medo que me pregarão os malvados!

— «Magnifico!» bradou Reinaldo. «Porém como é que ellas esse modo que dizes ter, com essa bravura de que acabas de dar tão eloquente prova?»

— É tudo medo! Quando um perigo me ameaça, sinto tal terror, que atiro-me a elle de cabeça baixa, só para não vê-lo.

— Que grande original!... Está bem, meu rapaz, hei de curar-te do medo e tornar-te valente, quer queiras, quer não.

— Pois sim! Perdi seu tempo, Sr. marquez. Mais facil lhu seria ver o sol á meia noite.

E desde logo Reinaldo, não podendo mais brigar com Armando, esculhou o humrado Carquefou para seu adversario intimo.

Contar as vezes que lutarão seria impossivel. Carquefou tinha braços de ferro; mas Reinaldo tinha musculos de aço. Carquefou era sempre quem cedia, para voltar no dia seguinte mais tímido do que na vespéra.

Reinaldo dizia-lhe todos os dias:

— Ah, se fosses huguenote, com que prazer não te converteria eu!

(Continua.)

Por causa de um olho quebrado

(Lenda)

Era uma dessas noites tempestuosas, que passam, ás vezes, por cima de nossas cabeças, apertando-nos o coração, sem que saibamos o motivo, o ameaçando um dilúvio talvez, se, em toda a humanidade, podesse ser encontrado um Noé, uma Noia e alguns Noétiños, dignos de salvação.

As estrelas, ou por medo, ou por preguiça, tinham ficado agasalhadas em seus leitos do céu azul, frangidos de branco, e não ousavam mostrar a ponta do nariz, para não sentirem o perfume do queijo. Não sei se conhecem o tal dito do bebado. No caso affirmativo, entendem-me; no contrario, ficam em jejum.

O sol, que, do seu observatorio, estuda todos os phenomenos da atmosphera, prevendo a tempestade, recolhêra-se mais cedo e dormia a bom dormir, nos braços de alguma estrella menos casta ou do *demi-monde*. Devem adivinhar que nem todas as estrellas podem pretender o premio de virtude ou a grinalda de *rosière*. Cá é lá mais fadas ha. Entenderão-me?... Pois está tão claro, e ha tantos exemplos no Alcazar!

A lua, pobre velhota, cheia de enfermidades gotosas, mas não gostosas, temendo alguma molhadela, que lhe aggravasse o rheumatismo, mandou um atestado de medico ao director do theatro astronomico, tomou a costumada medicação de enfiar de marmello, e mandou fechar a porta da rua e apagar o gaz da escada. Se lhe botassem, o guarda-portão tinha ordem de declarar que estava recolhida com um ataque de erysipelo. Pois tambem não entenderão? Nesse caso, sim, senhor, e... adiante.

Em ventosinho, semelhante a outro ventosinho, que na tempestade passada havia zunido por cima dos telhados da humanidade, soprava com ares de quem chupa uma bomba de leite, depois da cuja vasilha, e assoviava uma cançoneta luciferina pelas enlascaduras das ruas, á guisa dos trovadores de violão e chibelo, cuja falta é sentida pelo musical de Passo-Pach. Ainda não? E, no entanto, estou escrevendo para gente, que saiba ler! O contrario era asseira.

Os lampêes de gaz, cobertos de poeira, e com vidros de fumage para não incomodarem os noctambuloses, assistio, quédos e resignados, ao espectáculo que encenava a ser representado, arrependidos do terem sabido de casa sem guarda-chuva: mas nem todos são ingleses para traz-rem o classico e inseparavel *umbrella*. Agora, isto está tão claro, e apagar do tratar-se de uma noite escura, que ninguém será capaz de jurar que não entende.

Ja en para o Pedregulho.

O Pedregulho é... Pedregulho. Gosto das definições transparentes e que digão o que é a coisa.

Não via uma polegada adiante da aba do chapéo.

De repente, um carro fustigado pela tempestade ou pelo furor do cochueiro, passou por diante dos meus olhos. Mais duas luas e ter-se-hia sumido.

Ouvi um barulho, o carro parou, e no mesmo momento alguém tentou saltar pela portinhóla. Vi apenas uma perna, envolta em uma meia de seda côr de rosa, e finalizada n'uma botina de setim celeste.

Tinha-se quebrado o eixo do carro.

— Oh! meu Deus, porque não petrificaste, nesse instante, carro, cochueiro, animaes e essa perna, que não podia ser de homem, aposto?

O relampago, que me facilitára a contemplação desso quadro côr de alma descriptiva (com licença do illustre garciano) apagou-se e tudo ficara em trevas.

Corri para o carro... estava vazio.

Por onde desaparecera essa perna, que não era do péo, nem de presunto, e nem de jogo!

E' o que ignora até hoje.

Desde essa noite fatal, quando seio a passeio, é ouço roncav trovada e não vejo estrellas, desejo que todos os carros que encontro quebrem o eixo, a fim de ver, outra vez, essa perna que tanto me consomme. Debalde! Faz-me isto lembrar a uma dose de alforria das cães...

E até agora, nada!...

Tenho concluido que as eixas dos carros do Rio de Janeiro são muito solidos.

Já que concluo, acabo.

A VIDA FLEMIXENSE

Os proprietarios deste semanario publicão annuncijs illustrados pelas preços seguintes:

Meia pagina com desenhos a lapis ou a penna . . . 300000

Pagina inteira . . . 500000

A pessoa que encomendar um annuncio illustrado de 1/2 pagina terá direito, além da publicação no corpo d'este jornal, a receber em avulso cem exemplares do mesmo annuncio sobre papel branco.

A que encomendar um annuncio de pagina inteira receberá 150 exemplares do mesmo annuncio sobre papel branco e de cores, e terá igualmente direito a publicação do supracitado annuncio.

Annuncios escriptos — 120 réis a linha.

59

Rua do Ouvidor

59

(SOBRADO)